

## A GEOGRAFIA DAS BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS, GOIÁS

### GEOGRAPHY OF THE HEALERS QUIRINOPOLIS COUNTRY, GOIÁS

**GILSON XAVIER DE AZEVEDO**

Professor Mestre do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG),  
Campus Quirinópolis e Doutorando da PUC – Goiás.  
giloneduc@yahoo.com.br

**Resumo:** O objetivo deste artigo expandido é discutir os principais resultados da pesquisa teórica, conceitual e de campo sobre as práticas religiosas adotadas pelas benzedeadas na geografia social da cidade de Quirinópolis, Goiás, bem como buscar explicitar as condições de permanência desta prática dentro do cotidiano secularizado e institucionalizado na Religião, Medicina e indústria farmacológica. Os dados coletados por meio das entrevistas visaram à compreensão das perspectivas e experiências de vida das entrevistadas e o significado dado a esses elementos, buscando focar a relação entre religiosidade e benzeção, bem como sua plausibilidade no mundo hodierno.

**Palavras-chave:** Religião. Modernidade. Religiosidade. Benzedeadas. Sistema de Crenças.

**Abstract:** The objective of this extended abstract is to discuss the main results of theoretical research, conceptual and field on religious practices by traditional healers in the social geography of the city of Quirinópolis, Goiás and trying to specify the conditions for stay of this practice within the secular and everyday institutionalized in Religion, Medicine and pharmaceutical industry. The data collected through interviews aimed to understand the perspectives and life experiences of the interviewees and the meaning given to these elements, seeking to focus the relationship between religiosity and benzoin and its plausibility in today's world.

**Key-words:** Religion. Modernity. Religiosity. Healers. Belief system.

## INTRODUÇÃO

O tema religião e saúde no contexto das culturas populares observando o caso das benzedeadas é extremamente atual e também de grande relevância dentro das ciências da religião e da linha de pesquisa Religião e Movimentos Sociais que pesquisa as instituições religiosas, os movimentos sociais e religiosos na perspectiva da sociologia da religião e de outras disciplinas afins, priorizando a análise da relação entre as diferentes categorias sociais marginalizadas e o fenômeno religioso.

Nesse contexto, as benzedeadas que surgem como agentes de promoção da cura, expressões vivas da cultura popular local e regional, situando-se entre o sagrado e o mundo

material, aparentam ter solução para todos os males que atingem, segundo a crença popular, o corpo e a alma.

Desse modo, esta pesquisa trará importante contribuição cultural, social, antropológica e, também científica para o campo da religiosidade e da medicina popular ao abordar a relação doença/terapia/cura por meio da prática milenar da benzeção, propiciando entendimento ainda maior da inter-relação entre ciência e religião no cotidiano popular de nossa cultura.

## **METODOLOGIA**

Segundo Moreira (2002), pesquisa científica consiste numa transformação de informações, tratando-se de trabalho metódico, seguindo preceitos e regras pré-determinadas. Esta pesquisa tem caráter não-experimental. Ainda segundo Moreira (2002) não tem menor valor ou efeito que uma pesquisa experimental, dado que não deixa de ser científica.

Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual sobre as práticas das benzedeadas num cotidiano secularizado. A metodologia em questão foi direcionada para a construção de uma tese científica de doutoramento, cuja pesquisa é de caráter qualitativo e na qual estão expressas as vertentes bibliográfica, descritiva, etnológica e analítica, resultantes de pesquisa exploratória revisional sobre o assunto preterido.

A pesquisa de campo compreendeu as vertentes: descritiva e analítica, expostas inicialmente no tópico. Para a condução deste processo investigativo, situado nos parâmetros de uma metodologia qualitativa, foi desenvolvida uma entrevista de tipo semiestruturada com dez benzedeadas do município supra citado, compreendendo apenas aquelas que residiam na cidade.

## **RESULTADOS DA PESQUISA COM AS BENZEDEIRAS DE QUIRINÓPOLIS**

A cultura popular surge em um contexto de afastamento da cultura de elite ou oficial. Neste sentido, para Satriani (1986) quando se propõe estudar a cultura de qualquer sociedade é indispensável levar em consideração as distinções de classe, sendo que o folclore, neste contexto, mostra-se como cultura das classes subalternas, não oficial, não erudito e não pertencente à elite.

Não obstante, o surgimento de uma prática de benzeção não compreende necessariamente o surgimento de grandes cidades, conforme indica Bourdieu (2004, p. 34),

bem ao contrário, ela pode estar situada dentro de uma pequena vila, propriedade ou região mesmo rural, como heranças das práticas camponesas, e assim mesmo muito afastada dos centros urbanos. Para Bourdieu (2004, p. 34) “entre a cidade e o campo marca uma ruptura fundamental na história da religião, ou seja, a grande divisão do trabalho material e do trabalho intelectual consiste da separação entre a cidade e o campo”. Fiz uma menção a esse respeito no início do capítulo primeiro desta tese referindo-me à realidade urbana e campesina.

Nesse sentido, a cultura popular se exterioriza em grande parte através de festas e tradições folclórico-religiosas. Os eventos religiosos populares são ocasião para o pagamento de promessas, pedidos de curas, peregrinações e momentos de lazer em que se desenvolvem laços de solidariedade nos meios populares.

Desse modo, segundo Droogers e Siebers (1991) a religião popular é definida em contraste com a religião oficial quase sempre fazendo-se referências à dimensão do poder exercido a partir da religião oficial sobre a religião popular. Em sua forma popular, a religião influencia e é influenciada pela sociedade e pela cultura. A noção de *habitus* desenvolvida por Bourdieu (2004) permite observar as experiências acumuladas no passado, condicionadas pela estrutura social. Para ambos, o poder se relaciona ao acesso a produtos escassos e o contato com o mundo dos deuses e dos espíritos pode se tornar uma fonte de poder.

Nesse contexto, a religião aparece para Bourdieu (2004) como um elemento místico, um fenômeno social, uma necessidade, uma condição de agregação. Pode-se dizer que a religião seria esse conjunto de práticas e representações revestidas de modo complexo dentro da perspectiva do caráter sagrado.

O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos da divisão do trabalho e à aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e do reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e de “sistematização” das crenças e práticas religiosas (BOURDIEU, 2004, p. 34).

Ainda para Bourdieu (2004), a religião integra o mundo natural e o social, formando um cosmos, um todo também complexo, mas organizado, onde se insere o sujeito religioso ou objeto do sagrado. Assim a religião seria:

[...] um sistema de práticas e crenças que está fadado a surgir como magia ou como feitiçaria, no sentido de uma religião inferior, todas as vezes que ocupar uma posição dominada nas estruturas das relações de força simbólica, ou seja, no sistema de relações entre os sistemas de práticas e de crenças próprias a uma formação social determinada (BOURDIEU, 2004, p. 43).

Toda religião exerce uma função psicológica quando contribui para a salvação psicossocial do ser humano de questões relacionadas à morte, sentido de bem e mal, de onde surgiu ou para onde caminha este ser.

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhe são socialmente inerentes [...]. Assim, as teodicéias são sempre sociodicéias (BOURDIEU, 2004, p. 48).

Dentro do conjunto exposto Droogers e Siebers (1991, p. 20-21), no campo religioso, a expressão "popular" é usada pelo menos em dois sentidos, sendo que o primeiro se refere às pessoas que não pertencem ao grupo dos especialistas da religião, ou seja, ao clero, ao sacerdócio, estando relacionado ao chamado catolicismo popular. Para as religiões afro-brasileiras e nas igrejas pentecostais, onde a religião popular não estaria relacionada a uma forma erudita, a conotação popular se refere ao sentido de grupos dominados em sociedade, especialmente nas relações entre as classes sociais e tem sido vista como uma fonte de resistência e de libertação.

As formas populares de religião são consideradas, em sociedade, como de menor prestígio, sendo entendidas em muitos casos, de forma descontextualizada. Satriani (1989, p. 55) define a religião popular como a "religião das classes subalternas de determinada sociedade". Segundo Droogers e Siebers (1991, p. 19) os excluídos na produção econômica são muito produtivos na área religiosa. Tendo em vista a dificuldade em se definir o conceito de popular, Montoya (1989, p. 81) por sua vez, propõe uma substituição da ideia de religiosidade popular por religiosidade tradicional.

Para a Igreja Católica (DROOGERS; SIEBERS, 1991, p. 21) a religiosidade popular é considerada como inculturação ou enraizamento da religião na cultura local. Segundo Helcion Ribeiro (1985), a religiosidade popular latino-americana tem um fundamento histórico-católico, com forte influência indígena e africana, com elementos como o messianismo e influências cósmicas, que acentua entre outros elementos a festividade, a música e o culto aos antepassados.

Toda a religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer "superficialmente" unitária, a fim de não fragmentar-se em Igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multidão de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo (GRAMSCI, 1981, p. 144).

Feito o exposto, nota-se que a ideia de religião e religião popular, sofrem modificações não conforme o eixo da religião, mas antes, sobre os eixos econômico e da cultura. Neste tocante, as formas religiosas que emergem de um complexo contexto social estão quase sempre muito bem arraigadas a este contexto, como é o caso já sinalizado das benzições e da medicina popular, das quais se vai falar a seguir.

Conforme se indicou acima, a definição de cultura popular dentro do viés religiosidade não é de um todo simples de ser conceituado devidamente. Para Lemos (2006a, p. 2):

A multiplicidade de pesquisas que tem surgido nas últimas décadas, sobre temas relacionados com o fenômeno religioso tem evidenciado a complexidade dos diversos conceitos com os quais se trabalha. Religião, igreja, religiões, igrejas, religiosidade, religião popular, religiosidade popular, catolicismo popular são termos utilizados, algumas vezes sem muita precisão de significado.

O perfil geral das benzedeadas entrevistadas compreende uma idade média de 64 anos, a maioria casada, sendo uma amigada e uma solteira. A maioria cursou o 4º ano e tem em média 4 filhos. Todas têm casa própria e as entrevistas foram em suas casas, à exceção de duas.

Nesse sentido, Parker (1996, p. 42 e 49) sinaliza que a religião popular seria a manifestação da mentalidade coletiva sujeita às influências de um processo de modernização capitalista e de suas manifestações na urbanização, na industrialização, na escolarização e nas mudanças nas estruturas produtivas e culturais. De mesmo modo se pode na fala anterior conectarmos a fala de Lemos (2006a, p. 43):

Nas práticas de religiosidade popular, às expressões da cultura popular se acrescentam dimensões de sagrado. As expressões culturais, acrescidas do sagrado, constituem-se uma força que alimenta nos membros das comunidades uma postura digna perante a própria vida e a sociedade. Isso porque lhes fornece um sentido aos fatos cotidianos nos diversos campos da vida.

Em relação ao local de nascimento, apenas três declararam ter nascido em Quirinópolis, outras três em Goiás, três em Minas Gerais e uma no Estado de São Paulo.

Em média, residem em Quirinópolis há 35 anos. Sobre seu bairro, estão localizadas mais em regiões periféricas da cidade, à exceção de três delas. Todas disseram ter boa ou ótima relação com sua comunidade.

## DISCUSSÕES E ANÁLISES SOBRE AS FALAS DAS BENZEDEIRAS

Sobre os aspectos da condição religiosa, sete benzedeadas se declararam essencialmente católicas, sendo que dessas, cinco disseram participar com frequência das missas, uma disse não participar e outra declarou participar pouco. Uma benzedeadas se declarou espírita e outra candomblecista, sendo que ambas participam sempre de suas formas religiosas.

Segundo o que expressa a fala de uma delas:

Menino eu sou católica desde a minha mãe, nunca mudei, nunca fui in nada quinum fosse católico. Tenho força na igreja, mesmo na roça quando nois morava na fazenda paredão, eu rezava o terço duas treisveis no dia. Moro aqui tem 5 anos, tenho meus santo minhas devoção e graça a deus minha casa sempre foi guardada (ENTREVISTA SEBASTIANA, 11/09/2014).

No tocante às relações sincréticas, as duas benzedeadas não católicas disseram participar da igreja católica e duas católicas disseram ter participado do espiritismo. O aspecto sincrético parece desaparecer quando pergunto sobre a relação entre a religião professada e a prática realizada das benzedeadas, dado que as católicas declararam que sua prática tem relação com sua religião, o mesmo aconteceu com a benzedeadas espírita e com a candomblecista.

A respeito dos aspectos da religiosidade popular das benzedeadas, foram propostas 15 questões que depois foram reunidas para fim desta análise. Em relação ao santo de devoção das benzedeadas, seis delas disseram ter um apreço especial por Nossa Senhora Aparecida, sendo esta a santa mais recorrente. Depois, cita-se A trindade ou Divino pai Eterno, Rita de Cássia, São José aparece duas vezes, Medalha milagrosa uma vez e a benzedeadas candomblecista cita ainda os guias e uma entidade que chama de Zé Pilinho<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Zé Pelin, Pelinho ou Pelintra é uma entidade originária do Catimbó nordestino e comumente incorporado em terreiros de Umbanda e Candomblé tendo seu culto difundido em todo o Brasil e no Mundo.

A maioria das benzedeadas entrevistadas recebeu o ofício de benzer da mãe, avó ou pai e avó, não respectivamente. Uma indicou ter aprendido com a tia e outra com outra benzedead. Conforme o depoimento abaixo:

Uai, aprendi a benzer com meu avô e minha mãe. Meu avô principalmente era benzedead afamado. Benzia de tudo também, eu oiava aqui di pequena e fui crescendo e vendo ele ajuda os outros, quando casei comecei a cria corage. No começo eu ia escrevendo no papel, depois ia decorando as reza e fazendo. Eu tinha umas boneca lá guardada quando di criança e eu já benzi até eza. Tem mal que os medico não vê e a benzedead vê (ENTREVISTA SEBASTIANA, 11/09/2014).

Conforme se indicou, a maioria só benze em casa ou no local de trabalho que é de atendimento a crianças. Não uma classe social específica que procure a prática da benzição, todas declararam já ter atendido gente das mais variadas classes sociais.

Perguntei qual seria na visão delas a importância desta prática para a comunidade, embora as respostas fossem variadas, todas admitiram que tal importância é grande, muito importante, de muita ajuda e valorizada pelos que possuem fé.

Foi questionado sobre a prática religiosa das benzedeadas em relação ao que sentiam durante a reza, as incidências foram: fraqueza, bocejo, tonteira, sono, tonteira e moleza, arrepio e tontura, sonolência e cabeça longe. Duas disseram nada sentir e uma relatou sentir uma força diferente.

De acordo com uma das benzedeadas entrevistada; “Eu benzo em qualquer lugar, porque é criancinha né, ai num tem perigo, mas no quintal é melhor porque as vezes eu pego um raminho, daí já deixo ali mesmo com o mato seco. Direto vem, hoje mesmo veio três menina pedi pra benze, eu acho elas muito novinha hoje, sem experiência” (ENTREVISTA VALDIVINA MENDES, 22/07/2014).

A maioria das entrevistadas declarou benzer seus filhos quando pequenos e três disseram que por terem aprendido tarde o ofício, usaram os poderes da reza nos netos. Sobre se ensinam o ofício a outrem, duas disseram que hoje as pessoas não querem aprender, sete disseram não ter ensinado e uma disse já ter ensinado dez pessoas benzer, inclusive as filhas.

Questionadas sobre se já teriam sofrido algum tipo de perseguição por serem benzedeadas, questão recorrente em alguns estudos analisados na pesquisa bibliográfica, nenhuma delas disse ter sofrido assédio religioso ou discriminação e uma ainda acrescentou: “Teve gente evangélico que me procuro e recomendo. Até da congregação. Queriam uma garrafada que eu faço pra engravida. Já engravidou mais de três com ela. É tiro e queda” (ENTREVISTA DALILA FIDELIS, 06/07/2014).

Noutro depoimento se pode acompanhar:

Meu pai era médico prático, Meu avô e avó eram benzedores. tinha muita sabedoria das planta. Minha irmã que me ensino a mexer com planta, raiz e a fazer as orações. Já tive muito problema com minha família por casa das orações, eles não tinha paciência de esperar pra almoçar (ENTREVISTA DALILA FIDELIS, 06/07/2014).

Perguntei ainda se alguma delas evita algum contato físico com o cliente (abraços, apertos de mão) depois da oração, ao que uma respondeu positivamente e outra disse que apenas toca ou pega no colo crianças novas, as demais disseram tocar nos ditos clientes.

Ainda dentro do quesito aspectos da religiosidade popular, houveram outras duas unanimidades além da questão da perseguição, a primeira sobre se a procura por benzimentos se dá mais por pessoas de baixa renda e todas disseram que não, a outra questão foi sobre se elas consideram a própria casa um espaço sagrado e todas foram assertivas dentro desta questão.

Perguntei se elas viam algum tipo de relação de sua casa e sua prática religiosa, uma não soube responder, cinco disseram que sim e duas atribuíram tal pergunta ao fato de terem muitos santos (imagens) em casa. Um adisse que somente o terreiro que é onde benze.

Duas das entrevistadas disse que é procurada por pessoas de religião não católica ara exercer seu ofício. O último aspecto a ser analisado da pesquisa de campo são as questões referentes à medicina popular dentro das práticas das benzedoras. Ao todo são 21 questões cujos resultados passo a descrever agora.

Sobre se as entrevistadas sabem indicar ou se conhecem outras benzedoras, sete disseram que sim, mas uma fez referência ao fato de conhecer mais de uma e outra apontou a própria mãe que também foi entrevistada graças a sua indicação. Três disseram não conhecer outra benzedora.

Houve certo consenso em relação a como veem as demais benzedoras. Com relação a como veem as benzedoras ciganas, pergunta que teve por motivação mencionar se havia alguma forma de preconceito dentro do contexto das benzedoras do meio urbano, notou-se uma estreita relação que é feita entre as benzedoras e o dinheiro que cobram para benzer, sendo que o adjetivo "interesseiras" apareceu duas vezes.

Sete das dez benzedoras admitiu já ter curado ou ajudar alguém desenganado pela medicina formal. Dentro desse escopo, pode-se citar o depoimento de uma das entrevistadas que afirma:

Tem coisa que é do médico cura mesmo, operá, corta, costurá é o médico que faz; quando é coisa de é aí é a benzedeira e as rezadera. Tem gente que vai no médico, o médico faz tudo o que é exame, não acha nada, ai vem aqui e eu digo que só pode ser coisa do espírito nosso isso aí, daí pouco tempo a pessoa é curada (ENTREVISTA DALILA FIDELIS, 06/07/2014).

Noutro depoimento se lê:

Uai, meu sobrinho estava desenganado com uma dor, foi dado até por morto, ia num e nada, ia noutro e nada, acho que teve até no outro mundo e volto. Rezei uma, rezei duas até que ele começô a melhora. Era chá, folha macerada, fiz de tudo pra pôde ajuda e ele melhorô. No fim era hérnia (ENTREVISTA ALGENIRIA, 16/09/2014).

Sobre a pergunta dos tipos de doenças que podem ser curadas pela benção, o cobreiro apareceu em três apontamentos, o quebranto em sete, a espinhela caída em três, mal olhado em cinco. Males relacionados à cabeça como insônia, labirintite e dor de cabeça tiveram um apontamento cada. Há esse respeito convêm citar o seguinte apontamento: “Já curei até labirintite e o sinhô num é capaz de adivinha com o que? tabessero de paia de milho. Foi uma velha índia matupa que ensinou pra minha avô. Basta dormi nele algumas noites que a labirintite nunca mais vorta” (ENTREVISTA MARIETA SOUZA, 14/09/2014).

Depois pedi que as benzedeadas me apontassem as doenças mais comuns que chegam a elas, o quebranto teve quatro indicações; duas apontaram ser as doenças espirituais, uma apontou para a espinhela e outra para a inveja e houve ainda um apontamento para o mal de simioto<sup>2</sup>.

Em relação ao local escolhido ou utilizado por elas para fazer as rezas, apenas duas disseram que benzem em qualquer lugar da casa, mas a maioria preferem no quintal ou areazinha coberta e uma disse que na sala ou quintal. Esta pergunta permite avaliar qual a relação que as benzedeadas fazem entre Bem e Mal e dessas com sua prática e residência. Os resultados apontados permitem entrever que a benção para as entrevistadas é uma prática que varre, expulsa o mal dos clientes e que esse pode ficar em sua casa, por isso benzer fora de casa seja o preferencial das benzedeadas.

Sobre qual era na opinião delas qual o mal mais difícil de extirpar, foram apontados: Espirituais, Simioto, Erizipela, Cobreiro bravo, Falta de fé fio, descrença, Simioto, Espiritual, Câncer e a Descrença. Tais respostas aponta relação feita por algumas entre a prática da benção e o universo espiritual dos clientes.

---

<sup>2</sup>É o nome popular, em algumas regiões do Brasil da desnutrição causada em crianças pequenas por alergia ao leite de vaca ou a incapacidade de digerir o mesmo.

Sobre quais as plantas mais comumente utilizadas para a prática ritual, foram ditos: Arruda, Todo tipo, Guiné e arruda, Arruda, Barro, Pedra, Arvore, Guiné e Mirra, Pé de perdiz, algodão branco e Velasco, Qualquer ramo, Alecrim, poejo, hortelã e boldo. Uma benzedeira disse que não usa nenhum tipo de planta em sua prática, mas admite já ter feito uso de medicações naturais tais como chás. Segundo apontou uma das benzedeiros:

Tenho muitas ervas plantadas em casa, sempre tive. Quando não do pros que vem busca eu mesmo uso, faço xarope, chá e tudo. A erva Santa Bárbara dizem te o poder de levar relâmpagos e trovão pra longe e as vezes eu invoco São Gerônimo que protege contra chuva e da morte; Pego muito com os santo também. Nossa Senhora da Abadia que é nossa padroeira que eles falam protege contra ventania e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro protege contra coisa ruim. As vezes se é doença de pele eu peço pra mãe rezar pra São Lázaro que trata das doenças na pele (ENTREVISTA VALDIVINA MENDES, 22/07/2014).

Uma questão parecida foi sobre as plantas que elas consideram mais importantes, sendo que uma das benzedeiros disse que não considera nem usa as plantas em sua prática. outra disse que sendo ramo basta, nesse caso ela está se referindo a ramos medicinais. Os apontados foram: Marcelinha, Mangerona, Hortelã, Puejo, Mentrasto e Alecrim, Árvores, pois puxam o mal nosso, Alecrin, Arruda, Não, Vassourinha. Outra das entrevistadas disse que todas as plantas são importantes. esta pergunta, deferente da anterior, foi proposta dado que muitas das plantas segundo as próprias benzedeiros estão desaparecendo. Das entrevistadas, apenas três possuíam boa variedade de plantas de uso medicinal em casa.

Outro dado relevante foi a unanimidade das benzedeiros em relação à pergunta sobre se elas fazem garrafada<sup>3</sup>. Apenas uma faz e as demais manifestaram repulsa à prática, mas não foi possível medir o porque, embora algumas tenham apontado que fora devido ao desaparecimento de certas plantas conforme se mencionou antes.

Sobre os tipos de remédios caseiros que elas fazem uso em seu cotidiano, quatro disseram não fazerem uso, três disseram tomarem chás com frequência, uma apontou que toma a água da berinjela para controlar diabete e outra toma o chá da hortelã apenas, para gastrite.

Sobre quais as situações em que recomendam os remédios caseiros, duas disseram não recomendar, duas não souberam responder, duas disseram que para tudo recomendam, uma disse que para tudo e outra recomenda remédios fitoterápicos para diabetes e colesterol.

---

<sup>3</sup> Remédio caseiro fitoterápico que supostamente é preparado ou ditado pelos guias. Consiste em colocar ervas maceradas, raízes ou pedaços de cascas de plantas em garrafa (em geral de vinho branco licoroso) para que fique descansando por certo tempo e depois seja ingerida pelo doente para a cura de determinados males.

A respeito da relação entre benção e medicina formal, questionei como elas viam a atuação das agentes de saúde da prefeitura e nesta pergunta embuti uma discussão sobre a saúde formal, elas foram unanimes em considerar que a presença dos agentes ajudar na saúde, embora uma tenha apontado que tais agentes nunca foram em sua casa e ela não sabe dizer por quê. Todas veem a medicina foral como uma coisa boa dada por Deus ao homem assim como a benção, mas uma indicou que a medicina hoje é praticada sem amor.

A Mulher Selvagem carrega consigo os elementos para a cura; traz tudo o que a mulher precisa ser e saber. Ela dispõe do remédio para todos os males. Ela carrega histórias e sonhos, palavras e canções, signos e símbolos. Ela é tanto o veículo quanto o destino (ESTÉS,1999, p. 13).

Desse modo encerra-se a análise dos dados aqui proposta. Acredita-se que tal análise constitui um breve recorte do conjunto desta tese que perscruta alguns dos muitos mistérios e hierofanias do mundo das benzedeadas, a que se propôs esta pesquisa. Acredita-se que os resultados apontados indicam práticas rituais diretamente situadas no campo da tradição, crença popular, rituais primitivos e cura, poder das rezas com especial atenção à evocação das forças da natureza.

## CONCLUSÃO

Espera-se com a publicação dos resultados deste estudo, na forma de comunicações, artigos, e livros, se possa, de fato, contribuir com a comunidade científica em relação aos benefícios positivos das práticas religiosas das benzedeadas.

Entendendo, nesse contexto, que os problemas de saúde física e existencial atingem o pobre, o rico, os de bairro nobre ou os de periferia, o trabalhador, o policial, o médico, o pastor, o padre, o pai, a mãe, o recém-nascido, o cientista, enfim, atinge a todos e às vezes o faz de maneira tão abrupta que somente a sabedoria popular é capaz de ouvir, entender, rezar e remediar.

Para à comunidade científica em geral, deixamos o convite de olhar mais atentamente para a necessidade da preservação cultural, da compreensão holística das religiões e da análise mais críticas das práticas médicas desprovidas de humanização para então se pensar no bem dos tantos grupos sociais do nosso mundo tão complexo.

## REFERÊNCIAS

ALGENIRIA. **Entrevista VII**. [16/09/2014]. Entrevistador: Gilson Xavier de Azevedo. Quirinópolis, 2014.

BOURDIEU, p. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2004.

DROOGERS, A. e SIEBERS, H. Popular religion and power in Latin America: an introduction. DROOGERS, A., HUIZIER, G and SIEBERS, H. (eds). **Popular Power in Latin American Religions**. Florida: VerlagBreitenbachPublisers, 1991, pp 1-25.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos** : mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FIDELIS, Dalila. **Entrevista I**. [06/07/2014]. Entrevistador: Gilson Xavier de Azevedo. Quirinópolis, 2014.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, 4ª ed.

LEMOS, C. T. **Religião no Centro-Oeste**: entre a tradição e a modernidade. Sociedade e Cultura, v. 9, p. 51-64, 2006a.

LEMOS, Carolina Teles. **Coleção Religião e Cotidiano**. Goiânia: Descubra, 2006. V. I.

MENDES, Valdivina. **Entrevista II**. [22/07/2014]. Entrevistador: Gilson Xavier de Azevedo. Quirinópolis, 2014.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson; 2002.p. 152.

PARKER, C. **Religião Popular e modernização capitalista**: outra lógica na América Latina. Trad. AttílioBruneta. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIBEIRO, H. **Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana**. S.Paulo: Ed. Paulinas,1985.

SATRIANI, L. L. **Antropologia Cultural e análise da cultura subalterna**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SEBASTIANA. **Entrevista IV**. [11/09/2014]. Entrevistador: Gilson Xavier de Azevedo. Quirinópolis, 2014.

SOUZA, Marieta. **Entrevista VI**. [14/09/2014]. Entrevistador: Gilson Xavier de Azevedo. Quirinópolis, 2014.